



# CAPÍTULO 27

DOI 10.47402/ed.ep.c2021200227615

**“IR OU NÃO IR À OFICINA?”:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PESQUISA SOCIAL COM EMPREGADAS  
DOMÉSTICAS MIGRANTES**

**Guélmer Júnior Almeida de Faria**, Pós-Doutorando, UFV  
**Lilian Maria Santos**, Doutora em Desenvolvimento Social. Psicóloga  
**Andrea Maria Narciso Rocha de Paula**, Professora do Departamento de Ciências Sociais,  
Coordenadora da Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, UNIMONTES


## RESUMO

Este trabalho compartilha a experiência e as negociações que foram feitas para realização de oficinas com um grupo de domésticas migrantes, em um centro de referência e assistência social da cidade de Montes Claros (Minas Gerais), durante o ano de 2018. A oficina teve como foco “Redes de Migração e Trabalho Doméstico”, idealizada e desenvolvida com o OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco/ UNIMONTES Montes Claros/ MG. A oficina envolveu a transmissão de filmes, dinâmicas de grupos, confecção de mapas de redes sociais pessoais e a discussão de questões ligadas ao trabalho doméstico remunerado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Com uma perspectiva interdisciplinar, buscamos compreender como acontecem as relações entre domésticas, migrantes e as relações entre trabalho, gênero e direitos humanos. Apresenta-se aqui a experiência formativa e investigativa da oficina, que aconteceu de maneira participativa, ressaltando algumas pistas para fomentar a participação das domésticas com a universidade que (re)produz espaços de não-lugar a determinados grupos vulneráveis da nossa sociedade, possibilitando uma educação inovadora das classes populares, que vai além da transmissão do conhecimento, mas as coloca no centro do protagonismo como corresponsáveis por efetivas ações de transformações sociais. Considera-se, assim, que a oficina traz reflexões dos processos integrados em sociedade, aquilatando e reconhecendo essas domésticas migrantes como sujeitos de luta por igualdade de direitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direitos Humanos, Oficinas, Empregadas Domésticas, Migrantes.

## INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é produto de uma atividade prática e das negociações que foram feitas para realização de oficinas com um grupo de domésticas migrantes na cidade de Montes Claros/ MG. Tendo como objetivo de proporcionar uma reflexão sobre as condições de vida e trabalho das empregadas domésticas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020) as trabalhadoras domésticas representam, hoje, cerca de 6 milhões de




mulheres no Brasil, o que corresponde a quase 15% das trabalhadoras ocupadas (10% das brancas e 18,6% das negras).

Partindo do projeto intitulado “*Do sertão para outros mundos*”: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho *do/no* Norte de Minas Gerais, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros/ MG (UNIMONTES): OPARÁ- MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco, em parceria com o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) Juscelino Kubitschek, do bairro Village do Lago I, em Montes Claros, Minas Gerais. A princípio, pretendia-se criar um espaço de trocas de experiências a respeito da valorização e do estímulo ao trabalho doméstico decente, na Universidade Estadual de Montes Claros. Todavia, o abismo entre a academia (universidade) e esse grupo social (trabalhadoras domésticas) se mostrou um impecilho. A oficina foi parte da estratégia metodológica que, segundo Carignato, Rosa e Berta (2006), busca, em suas formas singulares e coletivas de expressão, que essas mulheres pudessem, da mesma forma, ouvir seus semelhantes, situadas na mesma condição de desamparo, e não somente do nosso ponto de vista, pois ocupávamos um lugar do saber, ou seja, da Universidade.

A estratégia foi atuar em parceria junto ao Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), pois entre as suas diretrizes e manuais norteadores do trabalho prático do CRAS, observa-se a necessidade do oferecimento de atividades que propiciem o convívio comunitário aos usuários, de modo a fortalecer seus vínculos e a prevenir situações de vulnerabilidade e de risco (BRASIL, 2012).

Pois, uma das exclusões que as domésticas migrantes enfrentam em seu cotidiano está justamente no investimento formativo. Esse segmento sofre discriminação e são esquecidas a não-participação em atividades educativas, formativas e de promoção de direitos e isto ameaça os direitos humanos das mulheres. Os anos de estudo dessa força de trabalho, segundo o IPEA (2019), ainda marca a categoria de forma expressiva. Assim, trabalhadoras negras e brancas, bem como trabalhadoras de todas as regiões do país apresentam médias semelhantes de anos de estudos, sempre próximo de oito anos, em 2018. Em 1995, contudo, essa média girava em torno de três a quatro anos e as desigualdades eram um pouco mais expressivas, alcançando quase dois anos na comparação entre, por exemplo, trabalhadoras negras do Nordeste e brancas do Norte.



Em relação ao ensino, dados da Organização das Nações Unidas (2018), revelam que a ausência de uma linguagem inclusiva e abrangente às perspectivas de gênero, raça e diversidade sexual ainda se apresenta como problemática em grande parte dos livros didáticos e dos cursos de formação. A invisibilização da atuação e do protagonismo das empregadas domésticas ressalta a importância em adotar medidas para garantir que o currículo promova a igualdade e a não-discriminação.


Diante da ausência de uma linguagem condizente em livros e ambientes escolares, grupos vulneráveis, como de mulheres migrantes e domésticas, veem-se em estereótipos negativos de gênero e raça, apresentando limitações quanto às suas capacidades de efetuarem escolhas variadas que impactam suas vidas (ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018).

Em busca de uma metodologia que proporcionasse emergir “lugares de falas e maneiras de pensar”, foi proposta uma oficina, cujo objetivo foi construir um ambiente coletivo de participação com as domésticas migrantes a partir de suas vivências, com vistas à promoção dos direitos humanos das mulheres. Para Spink, Menegon e Medrado (2014), a oficina é lugar de fala, expressão e promoção do exercício ético-político, a partir do momento que oportuniza a transformação nas trocas de experiências e embates construtivos.

Neste trabalho apresentamos um exercício de matriz construcionista, para discorrer sobre um grupo de mulheres que produzem seus sentidos através das vivências de suas trajetórias de vida, os curso das suas vidas, as narrativas de suas histórias vividas. O que se produz pelas participantes da pesquisa “são construções conversacionais dialógicas” (SPINK, MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 33). Compreende-se o grupo social como um lugar discursivo de negociação, destacando-o como espaço de práticas discursivas, no qual destacam-se os aspectos relacionais da construção de narrativas de si.

O problema central do trabalho que ora apresentamos é entender de que forma essas mulheres, domésticas e migrantes, através da oficina, especialmente pela transmissão de filmes, dinâmicas de grupos, confecção de mapas de redes sociais pessoais e a discussão de questões ligadas ao trabalho doméstico remunerado podem avivar a valorização e o reconhecimento de sua profissão.

Diante das reflexões aqui apresentadas, procura-se, neste capítulo, discorrer sobre duas experiências de oficinas: uma que não ocorreu mas serviu para interpretarmos o que estava por



trás do não-comparecimento desse grupo social; e a experiência de uma oficina realizada com domésticas migrantes em parceria com o CRAS de um bairro na cidade de Montes Claros/ MG, pautadas na ideia de que inseridas em redes e em ações coletivas podem auxiliar na valorização e no reconhecimento do trabalho doméstico, pois a profissão é constantemente desvalorizada em relação às outras.

## METODOLOGIA

*“Nunca tem nada para as domésticas fazer, quando tem é bom participar!”<sup>22</sup> (Relato de doméstica no ponto de ônibus do Condomínio de luxo Portal das Acácias, em Montes Claros/ MG, 35 anos, 22 anos trabalhando como doméstica).*


Uma das primeiras incursões a campo para realizar o convite para participarem das oficinas, foi essa a frase que nos marcou. No Brasil, segundo Luiz, Dal Prá e Azevedo (2014) o escasso aporte teórico-metodológico contextualizado com a realidade brasileira e o pouco interesse da Psicologia Social, pelas práticas grupais tem criado um novo cenário que começou a ser projetado a partir da articulação entre os estudos sobre análise institucional e aportes teóricos diversos, o qual procurou superar a dicotomia indivíduo-grupo, abrindo caminho para novas reflexões, interações e multiplicidades (LUIZ, DAL PRÁ; AZEVEDO, 2014). Desta forma, elegemos a oficina que segundo Bernardina Leal (2006, p. 70) “materializa [...] a arte do envolvimento, uma vez que ocupa espaços públicos. Se faz coletiva. Expõe-se. Não teme ser contaminada por pessoas. Ao contrário, precisa delas. Constitui-se de palavras, ideias, emoções e sentimentos carentes de corpos para encarnar”.

A pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), é tomada como ponto de partida. Sua contribuição pode desempenhar um papel importante nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e nas demais participantes imersas em situações problemáticas. O facilitador através da experiência pessoal ajuda as participantes na elaboração de tarefas, propondo, incentivando e sugerindo sua articulação e inserção por toda a oficina é de forma contextual, dialógica e interpretativa. Dessa forma, ele ajuda na sistematização dos assuntos emergentes, propiciando a reflexão do grupo e dando devolutivas quando essas forem necessárias (AFONSO, 2010).

A oficina envolveu três momentos: um primeiro momento, a dinâmica do barbante cuja finalidade era reconhecer-se enquanto pertencente a um grupo e o entrelaçamento do barbante

---

<sup>22</sup> Essa frase, captada no ponto de ônibus, contribuiu para seguirmos adiante na aplicação da oficina enquanto espaço de diálogo e promoção da cidadania das domésticas.



evidenciaria uma rede, o segundo, foi a transmissão de cenas do filme **Domésticas**<sup>23</sup> e posterior levantadas algumas questões relativas as condições de trabalho das empregadas domésticas, e finalizando a construção de uma mapa de rede social pessoal que revelaria quem são as pessoas que são significativas e importantes (que se pode contar) para elas.

As participantes da oficina foram mulheres com idade entre 23 a 44 anos, mães, casadas e solteiras, de origem rural, migrantes de primeira e segunda geração (levando em conta que a migração é geracional), católicas, evangélicas e domésticas. Elas foram reunidas por conveniência e convidadas a ingressar a partir do contato com o CRAS, no bairro Village do Lago I, em Montes Claros/ MG, um local de fácil acesso aos pesquisadores/as. A coordenadora do CRAS havia nos relatado que enviou o convite para 20 mulheres assistidas na unidade e que estavam, no momento, trabalhando como doméstica (diarista ou mensalista) ou encontravam-se desempregadas. Especificamente, eram mulheres que viviam algum tipo de vulnerabilidade, com histórico de permanência no serviço, ou seja, que participavam das palestras há muito tempo, com frequência de solicitação de benefícios eventuais e contra referenciadas pelo CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social. Inicialmente, o convite foi realizado através de contato telefônico ou visita domiciliar. Apenas seis apareceram: uma babá, duas diaristas e três domésticas (mensalistas). Ademais, as participantes foram informadas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constando a gravação, o direito e uso de imagem e/ou informações por elas prestadas, lido e assinado, assim como a divulgação dos resultados com finalidades acadêmicas<sup>24</sup>.

Em geral, essas mulheres viviam em Montes Claros/ MG<sup>25</sup> há mais de dez anos. Todas trabalhavam como domésticas (mensalistas e diaristas) e eram migrantes internas de comunidades rurais de pequenos municípios vizinhos a Montes Claros/ MG. Uma situação descrita no texto, foi a oficina que pretendíamos realizar na universidade e que não houve a adesão desejada. A opção foi realizar uma roda de conversa com a única participante presente,


---

<sup>23</sup> De Fernando Meirelles, em codireção com Nando Olival, 2001. Tematiza o trabalho doméstico, tendo como protagonistas cinco empregadas domésticas que trabalham em casas de famílias de classe média, em São Paulo, no ano de 2001: Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida. Partindo deste cenário, o filme traz consigo mensagens simbólicas do universo doméstico.

<sup>24</sup> Não é objetivo deste texto realizar a transcrição de 2 horas e 30 min. das falas realizadas na oficina, devido ao tamanho, espaço e as discussões demandarem aprofundamento teórico. Optamos por relatar a experiência da oficina de forma descritiva.

<sup>25</sup> Montes Claros/ MG, localizada na região Norte do Estado de Minas Gerais, exerce influência nos processos migratórios, seja na migração permanente, seja na migração de passagem (ponto de apoio), devido à sua localização. Seu processo de industrialização, face ao processo de urbanização, gerou uma intensa transferência de pessoas das comunidades vizinhas e de suas zonas rurais para a cidade.





na visão de Spink, Menegon e Medrado (2014) configura o caráter político e transformador da ação em grupo. Esse encontro entre a participante e o grupo de pesquisador(a)s tornou-se um espaço privilegiado para estudar as relações de poder que controlam, selecionam e organizam enunciados, bem como produzem regimes de verdade e formas de resistência.

Contudo, este fazer em grupo, especialidade ativa de qualquer oficina, traz uma aparente contradição, já que ela “[...] é coletiva, na medida em que acolhe significados comuns, intersubjetivos, mas é também individuante, pois exige um pensar que não repita nem imite ao outro, um pensar que seja tão livre quanto possível” (LEAL, 2006, p. 72). Ainda em relação a escolha da técnica, justifica-se pelos pressupostos de Meneghel, Danilevicz e Fonseca (2019) de que a oficina possibilita uma intencionalidade educativa, criadora, não competitiva, coletiva, fazendo com que, mesmo quando a produção é individual, ocorra uma interação constante entre o grupo, uma entreajuda, um fazer grupal.


### **“DESATANDO OS NÓS!”: NARRATIVAS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DO/NO TRABALHO DOMÉSTICO**

Inicialmente, parto para descrever as negociações de realizar oficina com domésticas do condomínio de casas Portal das Acácias, do bairro Ibituruna, em Montes Claros/MG no campus da Universidade Estadual de Montes Claros, da qual, apenas uma se propôs a participar – Maria<sup>26</sup>. Em seguida, relato a oficina foi realizada junto ao Centro de Referência e Assistência Social da rede de domésticas do bairro Village do Lago I de Montes Claros/MG.

Para planejamento e efetivação da oficina, foi necessária uma estratégia para mobilização das domésticas para participação. Inicialmente, optamos por ir para um ponto de ônibus, em frente a um condomínio de classe média alta, no bairro Ibituruna, na cidade de Montes Claros/MG. Através da observação e dos relatos de domésticas já entrevistadas para outros projetos do grupo, começamos a frequentar o ponto de ônibus em frente ao Condomínio citado. Resolvemos também utilizar a mesma linha de ônibus, durante os deslocamentos de bairros periféricos da cidade para a região mais nobre. Muitas mulheres domésticas fazem esse percurso todos os dias. São muitas as conversas entre as dificuldades e alegrias do cotidiano.

---

<sup>26</sup> Nome fictício que designa muitas domésticas por todo o Brasil. Essa interlocutora atuou ativamente na tentativa de recrutamento da audiência para as oficinas. Considero-a como uma informante-chave. Foi a única participante do condomínio a comparecer na primeira tentativa de realizar a oficina e, então, com ela, realizamos uma roda de conversa com os pesquisadores(as): Guélmer Faria, Andrea Narciso e Lilian Santos. Ela ainda tomou a iniciativa de criação de um grupo de *WhatsApp*.




Tentamos uma abordagem com as mulheres no ônibus, mas observamos que não seria simples, afinal, no percurso entre suas casas e as casas onde trabalham, estão concentradas e apressadas. Resolvemos então uma abordagem no ponto de ônibus, Durante várias semanas, estivemos no referido local, ficávamos por volta de três horas, lá abordávamos as mulheres quando saíam do condomínio para o retorno para casa, após o dia de trabalho, nos apresentávamos e explicávamos os objetivos da nossa pesquisa.

Ressaltamos que nossa abordagem sempre foi de forma clara e simples. Nosso objetivo de aproximar e criar vínculo de confiança com as mulheres, fez com que por um período maior estivéssemos presentes nesse ponto e que, ao nos apresentarmos, tivéssemos o cuidado e o respeito com as relações que nos propusemos a conhecer. Muitas não nos atendiam, não paravam para conversar outras já iniciavam um longo diálogo, com pormenores com o desejo de nos auxiliar, de nos apresentar outras mulheres. A pesquisa foi revelando que a aproximação com nossos sujeitos sociais seria nosso primeiro desafio. O campo iniciava, era preciso paciência e atenta observação.

Após nossas investidas nas viagens da mesma lotação (ônibus urbano), conseguimos compreender qual o melhor horário de abordagem. Era no retorno para casa, na espera pelo ônibus. Assim, começamos a frequentar o ponto de ônibus durante três a quatro horas por dia, sempre no final da tarde, após 15h30min. Enquanto estávamos no ponto de ônibus, conversávamos muito com as domésticas. Elas aguardavam seus transportes e as narrativas desvelavam histórias de precarização, exploração e desvalorização do trabalho doméstico. Estar presente, observar, ouvir reclamações, participar de ambientes nos quais as domésticas frequentam, possibilitou em alguma medida fazer incursões nas histórias de vidas dessas domésticas migrantes. Mulheres que vieram de municípios pequenos da região, mulheres que vieram do meio rural, mulheres realizando o processo migratório, algumas pela primeira vez, outras já vivenciando esse processo ao longo de toda uma vida. Domésticas que trabalham há mais de vinte anos na mesma residência, que começam um novo emprego naquela semana, mulheres, que auxiliam outras mulheres na busca de emprego. Muitos relatos, muitas falas entrecortadas, muitas vivências, dramas, conquistas e medos. Estar lá, foi muito válido para entendermos como funcionava a dinâmica do trabalho no que tange às relações com a atividade, com a migração e com os patrões.

Entendemos que realizar uma oficina com as domésticas que interagimos no ponto de ônibus demandaria um longo caminho, pois saíam muito cedo de casa, depois de deixá-la



organizada para a rotina da família. Retornavam tarde e ainda tinham que lidar com mais trabalho de organização de suas casas. Aos finais de semana, muitas trabalhavam no sábado e só tinham o domingo para o descanso e a vida social, sendo que muitas vezes utilizavam a folga para o trabalho em suas residências, como lavar e passar roupas e fazer faxina. Além disso, percebemos que muitas tinham receio em participar de nossa pesquisa por acharem que, de alguma forma, isto poderia desdobrar em desagrado ou desacordo com os patrões, colocando assim seus empregos em risco.


Durante uma semana, passamos a ir até a portaria do condomínio abordá-las. Essas primeiras aproximações surtiram muita desconfiança, sobretudo, por algumas domésticas que assumem haver muita informalidade no trabalho doméstico. Muitas vezes, erámos indagado ser fiscais do trabalho. Isto reforçava explicarmos melhor a essas mulheres quais eram os objetivos da pesquisa, estabelecendo um diálogo aberto e justificando a pesquisa pela finalidade acadêmica. Assim, foi apresentada a proposta de oferecer a oficina na Universidade Estadual de Montes Claros, em data e horários combinados. No sentido de contribuir para a participação, oferecemos transporte para buscar e, ao final da oficina, deixar as participantes em pontos centrais para o retorno. Foram recolhidos os contatos para posterior confirmação da oficina, um total de vinte domésticas do condomínio.

Algumas falas foram positivas na aceitação e na participação na oficina como se segue: “Nunca tem nada para as domésticas fazer, quando tem é bom participar”; “Eu participo, levo até mais [amigas] se precisar!”; “Mas vocês tem que fazer isso aí de um jeito que dê para todas participar, durante a semana é complicado!”; “Segunda tem muito serviço acumulado do final de semana, na sexta, tem que deixar tudo preparado para o final de semana! Melhor dia é na quarta-feira!”.

Na semana da oficina, ligamos para as vinte contatadas e apenas oito confirmaram a presença. Foi possível perceber na observação participante que o ponto de ônibus é local de intenso convívio. Ali, as empregadas domésticas destacaram que a Linha de ônibus 5801 “só carrega doméstica!”. Essa fala é muito significativa, pois a linha foi criada especialmente para atender à classe trabalhadora, saindo de bairros mais afastados em direção ao bairro Ibituruna. Por isso, é significativo pensar a mobilidade das domésticas em contexto urbano.

O pouco contato neste ambiente foi revelador dos significados atribuídos por elas à noção de redes de apoio. Segundo relato de uma delas:





Nasci em uma comunidade perto de Nova Esperança. Mudei para Nova Esperança<sup>27</sup> com treze anos. Minha avó e minha mãe trabalharam como domésticas. Minha irmã saiu antes, com doze anos, com minha tia, para Montes Claros. Foram indicadas pela minha mãe na casa da antiga patroa dela, que sabendo que fazemos o serviço direitinho, deu o serviço. Eles me pagavam pouco, meio salário mínimo, mas, para mim, era muito dinheiro. Até hoje [35 anos], trabalho como doméstica. Elas [patroas] estão sempre mudando de empregada. Aqui no condomínio, tenho várias amigas lá de Nova Esperança. Com o celular, temos um grupo no *WhatsApp*, conseguimos falar de emprego, se em tal casa está precisando de empregada, essas coisas. Não falamos de direitos trabalhistas, não! É mais como que é o serviço. Depois encontramos aqui, no ponto de ônibus. O ônibus é o lugar que a gente mais encontra, tem horário que só dá domésticas. E daqui cada uma vai se falando e contando as novidades. Tenho uma ou duas amigas, domésticas, que eu posso contar para arranjar trabalho, pedir dinheiro emprestado, me acompanhar no médico, pedir conselho, né? Confiar! (Comunicação oral de doméstica no ponto de ônibus do Portal das Acácias; 35 anos, 22 anos trabalhando como doméstica).

Assim, as redes sociais podem ser consideradas como um dos principais recursos de que as domésticas dispõem no que diz respeito ao apoio recebido e percebido, seja na indicação para o trabalho ou na ajuda durante o processo migratório.

Os diálogos estabelecidos no ponto de ônibus, que antecederam à oficina, revelaram que há uma grande desconfiança por parte das domésticas. Por isso, foi necessário deixar claro o objetivo da oficina de “Redes de Migração e Trabalho Doméstico”, que era desvelar as experiências de cada uma através de um espaço de troca, conversas e apoio mútuo. A oficina seria um momento em que o reconhecimento “*do/no outro*” poderia recuperar aspectos simbólicos do trabalho doméstico. De acordo com Rodrigues, Alfonso e Rieth (2017), levar em consideração a compreensão da comunidade sobre *si* mesma.

Especificamente, as oficinas tinham por objetivos: apreender de que maneira as domésticas percebem a sua atividade; entender as relações do cotidiano (emoções e afetos); dar visibilidade ao trabalho doméstico; e tentar minimizar as consequências dos estigmas da profissão, promovendo a valorização da atividade por meio do reconhecimento social das histórias de vida dessas mulheres.

No dia da oficina, foram mobilizados alguns(mas) pesquisadores(as) e preparado o ambiente, com lanche e música (escolhido, segundo preferências das domésticas, como sendo o cantor Odair José). Diferentemente do esperado, apenas uma participante compareceu. Assim, entendemos que a oficina é um espaço de fazer ver, fazer falar, fazer recuperar, para fazer recriar, para fazer análises com o pressuposto de fazer visíveis elementos, relações e saberes

---

<sup>27</sup> É um distrito do município brasileiro de Montes Claros, no interior do estado de Minas Gerais.

para realizar desconstruções e reconstruções. Nesse sentido, a não participação permite fazer a leitura possível (COSTA, 2016).

Seguimos a orientação para a realização da oficina como um espaço de ação coletiva participativa e de investigação das expectativas e necessidades desses grupos. Como bem salienta Decimo (1998), as redes de domésticas migrantes formam um gueto e as tornam encapsuladas (fechadas), dificultando o acesso a esse nicho social. Na seção seguinte, apresento a leitura possível da não-participação.

### **“IR OU NÃO IR À OFICINA?”: ESPAÇO PARA QUESTIONAR E AVALIAR AS EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES**


Diante do não comparecimento das participantes à primeira oficina (Foto 1), partimos do entendimento de que isso também se configura como uma leitura possível desse *locus* social. A única participante que compareceu se chama Maria, 39 anos, trabalha como doméstica há 12 anos no condomínio localizado no Ibituruna, nasceu em Nova Esperança, distrito de Montes Claros. A rede social pessoal dela é composta por seis membros que são as pessoas mais significativas a que ela pode recorrer para pedir ajuda financeira, indicar trabalho, ajudar com cuidados de filhos(as), ajudar em problemas de saúde, quem pode pedir conselhos e conversar.

**Foto 1:** “A oficina que não teve?!”.



**Fonte:** FARIA, G. J. A. (2019)

Assim, realizamos uma roda de conversa, eu e alguns(mas) pesquisadores(as) presentes com Maria. Entre os itens questionados, nosso foco era tentar entender o porquê da falta de participação e do compromisso assumido por elas. Entre as razões, Maria nos informou que o




medo e afazeres domésticos impediram a participação da grande maioria delas. Nesse ponto, é fato que muitas domésticas, além de realizarem suas tarefas remuneradas, ainda as fazem para suas famílias. Quanto ao medo, Maria abordou a questão de haver escrito no cartaz da oficina os termos lutas e reivindicações. Muitas domésticas comentaram que há muito informalidade no trabalho doméstico, mesmo havendo a “PEC das Domésticas”. Assim, são válidas as afirmações de Brites (2000, p. 12), de que “o trabalho doméstico proporciona o encontro de classes desiguais numa sociedade cada vez mais marcada pela segregação e o medo do ‘outro’”.

Quanto ao horário e o dia, foram amplamente discutidos com as participantes durante a abordagem no ponto de ônibus. Embora pensamos que as causas poderiam estar relacionadas à falta de se estabelecer uma rede entre pesquisador e pesquisadas, além da capacidade de convocatória, animação e de conduta. Como salienta Brites (2000), as marcas do lugar social dos indivíduos dificilmente são apagadas na sociedade brasileira. Em relação aos nossos esforços de interação com as empregadas, ter um homem na equipe, seus gestos, a fala e as vestes não passaram despercebidos.

Maria também relatou que o fato de todas as domésticas trabalharem no mesmo condomínio gerava desconfiança, medo, pois, muitas casas possuem mais de uma doméstica, o que poderia ocasionar conflito, fofoca e outras situações desconfortáveis. Assim, percebe-se, também, o isolamento nesse coletivo, em que a omissão e o silêncio se fazem presentes nas relações de trabalho no cotidiano.

Embora essa rede tenha se expressado de forma fechada, encapsulada a indivíduos externos a ela, Maria nos reportou que a maioria de seus empregos como doméstica foi “por indicação”. Ou seja, mesmo que as domésticas se fecham para falar das relações de trabalho, a busca por emprego é feita através de uma rede de apoio mútuo. Quando questionada sobre sua rede de apoio, Maria disse que está sempre acionando sua rede primária, composta pelo irmão e sua mãe, para ajudar no âmbito financeiro e nos cuidados com os(as) filhos(as). Maria relatou também que havia uma filha estudante na Universidade e o sonho dela é ver a filha também como uma pesquisadora. Essa fala de Maria foi reveladora para entender sua adesão à nossa pesquisa, por entender a universidade para além dos seus muros em virtude de ser um espaço que não atrai os grupos populares. A consciência de Maria sobre a universidade como um não-lugar poderia ser um dos fatores que afugentaram as demais. Por isso, o local de realização da oficina deveria ser mais próximo do universo dessas domésticas.

A photograph showing a person sitting on a light-colored sofa, reading a book. The person is wearing a light-colored jacket and dark pants. The background is slightly blurred, showing a vase with white flowers on a table.


A dificuldade em estabelecer esse *ethos* do grupo das domésticas fez-nos perceber que, mesmo partilhando de uma rede comum de sociabilidade no trabalho e aspectos comuns de valores específicos desse *ethos*, um universo simbólico, ainda assim há uma caixa de pandora a ser desvelada. E como apontou Brites (2000), só a observação participante e as entrevistas não respondem a nossas indagações de pesquisa. Somente o fazer etnográfico daria pistas para adentrar no cotidiano desse grupo social, para isso, sendo exigido mais tempo e incursão no campo. A clandestinidade como herança migratória rural-urbana do recrutamento de adolescentes e jovens (até crianças) para a realização das tarefas domésticas perpassa todo o universo laboral das domésticas e esconde o *falar desse mundo*.

Seguindo a conversa com Maria, foi proposto passar uma cena do filme **Domésticas** com o objetivo de reconhecimento dos papéis e funções desempenhadas pelas domésticas e contrastar as realidades, com as imagens proporcionando estabelecer um diálogo, sobre elas, suas memórias e seus comentários. De acordo com Maria, houve uma identificação com a cena do filme em que as personagens contam que as domésticas não param no serviço, fato ocasionado porque, segundo ela, as patroas são difíceis de lidar. E há muita rotatividade, gerando, portanto, relações de poder e mando, e o trabalho doméstico é percebido como desvalorizado gerando uma naturalização da exclusão e submissão. A antropóloga Suely Kofes (1990) chama atenção para as imbricadas relações entre patroas e domésticas. Para ela, o trabalho doméstico traz importantes detalhes da aguda consciência que estas e aquelas têm dos mecanismos de diferenciação e hierarquia constitutivos da relação, dos limites e das brechas que esse jogo permite explorar.

A roda de conversa com Maria foi ricamente proveitosa, inclusive, porque possibilitou identificar que esse grupo de domésticas do condomínio utilizavam as redes sociais digitais. Maria sugeriu que criássemos um grupo na plataforma *WhatsApp*. A INTERNETLAB, Rede Conhecimento Social (2018), fez uma pesquisa em São Paulo com domésticas sobre o papel das tecnologias digitais na vida de mulheres trabalhadoras domésticas. O relatório da pesquisa aponta que há ainda uma grande barreira a ser transposta em relação a gênero e tecnologias de informação e comunicação, falta de engajamento e até conhecimento sobre grupos de domésticas. Apesar de apresentarem orgulho da profissão, existe um sentimento de que ela é discriminada no Brasil.

Seguimos a estratégia metodológica de utilizar o grupo no *WhatsApp* como instrumento para captar algumas impressões. Várias tentativas de abordá-las foram feitas, porém, sem






sucesso. As mensagens com maior participação estavam relacionadas a motivação, inspiração e os cumprimentos de boa tarde, bom dia, boa noite e bom final de semana. Quando se compartilhava algo relacionado à pesquisa, como: “Só para nos conhecer melhor, diga um lugar de que sinta saudades. E onde você nasceu? Vamos interagir!” ou “Você gosta do que faz? Você valoriza seu trabalho?”, essas questões foram ignoradas. Adotamos a estratégia de elaborar perguntas fechadas: “Quem são as pessoas com que a gente pode contar para nos ajudar?”. E enumeramos de 1 a 20, sequencialmente: pai, mãe, irmã(o), sogra(o), tia(o), avô, avô, colegas de trabalho, vizinhos, marido, filhos, cunhado(a), patroa, CRAS, Igreja e Escola. Maria escreveu: “Todos os itens tenho um pouco de todos!”. E uma colega de Maria: “Eu, por exemplo, quando tenho algumas dificuldades, conto sempre com meus amigos e vizinhos. Muitas vezes, família nem percebe quando estamos com problemas!”. Podemos sinalizar que a criação do grupo no *WhatsApp* serviu para mostrar como as domésticas estavam isoladas, vivendo suas experiências de forma individual, embora compartilhassem dos mesmos problemas. O grupo de apoio mútuo poderia ajudar a enfrentar melhor as situações de suas atividades enquanto domésticas.

Por fim, a roda de conversa com uma participante possibilitou entender que suas redes de colegas de trabalho (domésticas) são fechadas e as redes de apoio e ajuda mútua (familiar) são de fácil acionamento e restrita. Nessa perspectiva, as redes sociais de domésticas têm caráter antagônico, pois, ao mesmo tempo em que funcionam como uma inserção no trabalho e na própria comunidade de destino, têm caráter fechado, encapsulado, que não se abre a novas relações sociais com sujeitos exteriores à rede, dificultando transpor a categoria doméstica e combinando o trabalho doméstico como eterno refúgio das migrantes rurais-urbanas.

A desconfiança opera no *habitus* de classe das domésticas. Para tanto, dois conceitos são inegavelmente indispensáveis para a compreensão das oportunidades de trabalho e vida das domésticas: estigma (GOFFMAN, 1980) e *habitus* (BOURDIEU, 1989). O estigma opera nas marcas de diferenciação das domésticas, pela condição de ser mulher (gênero), negra (raça) ou pobre (classe). E o *habitus* está na interiorização (disposição relacional no espaço social) e na subjetivação (capacidade de gerar boas escolhas para a prática do jogo).

Segundo Félix (2010), o *habitus* é apropriado pelo mercado de trabalho através do processo de socialização que ora se opõe, ora reforça as práticas e valores apreendidos no novo ambiente familiar. A invisibilidade dessa atividade implica em sua adesão, tanto para a superação da pobreza, quanto para o seu agravamento. A internalização dos estigmas sociais e





a negação de uma identidade de categoria sobressai no olhar das domésticas sobre seu trabalho, ainda mais com o advento do processo de “diarização”. Logo, por ser um trabalho no âmbito privado e da intimidade falar desse local, provoca desconforto.


A conversa com Maria foi uma oportunidade do trabalho interdisciplinar, na compreensão do universo dessa atividade como um território cego e do qual é difícil falar. A intenção assumida foi retirá-las do espaço privado e levá-las ao público, dando visibilidade a essas mulheres e valorizando a sua luta por igualdade de direitos, conforme sinalizam Rodrigues, Alfonso e Rieth (2017). O estranhamento dela com o lugar, com a sala de aula, com os pesquisadores (acadêmicos), com a recepção, com a possibilidade de fala e de ser ouvida. A fala de como se sentiu feliz naquele espaço. Após o término da oficina, ela ligou para outras colegas e disse: “você perdeu, foi bom demais, não precisava ficar com medo”.

A experiência foi fundamental para pensarmos a oficina. Afinal, estamos dialogando com elas? Ou sobre elas? A ciência e o espaço da universidade continua sendo excludente. Era necessário, portanto, rever o lugar do encontro e a nossa forma de abordagem temática. Não seria suficiente nossa interação dialógica era também necessário uma abordagem experiencial.

Diante dessa primeira negativa na tentativa de realizar a oficina com domésticas de um condomínio em Montes Claros, optamos por pedir ajuda a amigos(as) próximos(as) que trabalhavam em alguma instituição pública de serviço socioassistencial. Uma amiga assistente social indicou-me o Centro de Referência e Assistência Social do bairro Village do Lago I de Montes Claros (MG). A seção seguinte traz as reflexões da oficina realizada nesse espaço.

### **OFICINA: “A VISIBILIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO”**

As oficinas de “Redes de Migração e Trabalho Doméstico” foram pensadas como uma inovação metodológica do fazer científico e do artesanato metodológico. A oficina, na perspectiva da pesquisa, não é somente um lugar de produção de informações, mas também um espaço dialógico de reflexão e produção de sentidos, em que é permitida a emergência de conflitos, contradições, trocas simbólicas, ressignificação e *construção* para o grupo envolvido. Para Spink, Menegon e Medrado (2014), a oficina é lugar de fala, expressão e promoção do exercício ético-político, a partir do momento em que oportuniza a transformação a partir das trocas de experiências e embates construtivos. Sobretudo, para garantir um espaço de ruptura dos silêncios produzidos no cotidiano das domésticas.



Bandini (2014) incorporou a oficina de fuxico<sup>28</sup> com mulheres pentecostais para estudar gênero e religião, por considerar o silenciamento de uma temática de difícil acesso. Considerando a memória como metodologia de pesquisa, porque as imagens do passado não são produtos do imaginário, elas contêm elementos comuns que foram vividos coletivamente. Rodrigues, Alfonso e Rieth (2017) realizaram oficinas com empregadas domésticas utilizando uma mostra de anúncios de mão de obra escravizada e/ou livre em jornais do século XIX. Os resultados dos processos de criação das primeiras ações geradas na oficina – uma exposição itinerante e a criação de uma logo para o projeto – aconteceram de maneira participativa, configurando a aproximação entre academia e comunidades que cotidianamente passam por processos de exclusão social.

No entanto, para não aludir ao universo doméstico optamos pela supressão de qualquer produção manual e por pensar na problemática do reconhecimento. Tirar o universo manual, das mãos, do fazer, para projetar uma realidade em que elas poderiam se enxergar enquanto sujeitos de suas trajetórias, curso e de suas histórias de vidas. Nesse sentido, utilizamos fragmentos de cenas do filme **Domésticas** para evidenciar uma realidade próxima ao universo delas, com o objetivo de serem vistas e verem que suas experiências não estão tão distantes quanto parece. Dessa forma, buscou-se construir coletivamente um espaço, revelar o que estava debaixo das convenções sociais e o que as condições do trabalho doméstico, a condição de mulher migrante rural-urbana controlava ou negava em relação à memória e às identidades dessas mulheres (BANDINI, 2014).

O filme **Domésticas**, com título simples, linguagem popular e eficaz, narra o universo cotidiano de domésticas paulistas migrantes que atuam no dia a dia, dentro do espaço privado residencial, pondo em contato dois mundos antagônicos em que a doméstica une esses dois polos: pobreza e riqueza. O filme “demonstra também as nuances da rotina dessas mulheres, também evidenciando o conflito entre as classes sociais que permeiam o dia-a-dia dessas personagens; o relacionamento entre patroas e domésticas, as relações familiares e os conflitos com suas origens” (FÉLIX, 2010, p. 86).

Nossa estratégia metodológica foi trabalhar com a construção dos Mapas de Rede Social e suas Redes Pessoais Significativas, elaboradas por elas com a ajuda dos nossos assistentes de pesquisas. Enquanto Bandini (2014) assume o *habitus* das práticas singulares de seus sujeitos

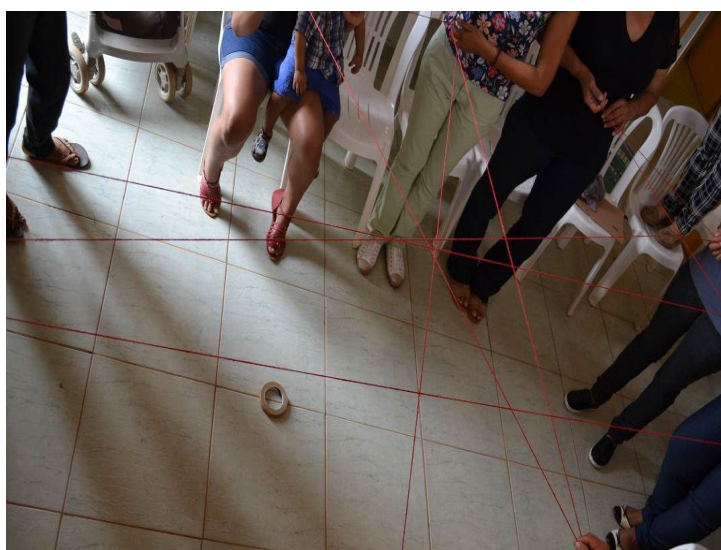
---

<sup>28</sup> O objetivo de revelar o indizível, ou seja, o período anterior à conversão religiosa, uma vez que o mundo de origem da maior parte das entrevistadas era silenciado durante as narrações (BANDINI, 2014, p. 23).

para trabalhar a memória, aqui, diante da complexidade do trabalho doméstico, optamos por não reproduzir nenhuma prática do universo doméstico e construtivamente evidenciar qual era o objetivo da oficina e deixar que as domésticas fossem as produtoras de sentidos que culminariam na produção textual-visual de seus mapas de redes sociais.

Para iniciar a oficina, foi proposta a dinâmica da rede com o auxílio de barbantes. Pedimos que as participantes compartilhassem seu nome, local de origem, quanto tempo trabalha como doméstica e, segurando uma ponta do barbante, jogasse-o em direção a outra participante e, assim, sucessivamente, como ilustra a Foto 2.

**Foto 2:** Dinâmica da Rede.



**Fonte:** FARIA, G. J. A. (2019).

O segundo momento foi assistir a quatro cenas do filme **Domésticas** (Foto 3), em que constavam as seguintes falas:

**Cena 1:** O que você vai ser quando crescer? A pessoa responde: artista de novela, enfermeira, bailarina. Nenhuma pessoa responde: ah, eu quero ser empregada doméstica. Porque isso daí não é desejo que a pessoa tem, é sina mesmo (Roxane).

**Cena 2:** Vivem trocando de cama, de geladeira, aí pensei com domésticas deve ser a mesma coisa, vou ficar pulando de galho em galho até morrer. Na hora que eu morrer, fica lá, parada onde caí (Quitéria).

**Cena 3:** Roxane: Eu quero pensar em alguma coisa diferente para fazer no futuro, viu, Zefa. Porque eu não sou doméstica, estou doméstica, mas é por pouco tempo.

Zefa: Graças a Deus não sofro de ambição.

Roxane: Você é burra, Zefa.

**Cena 4:** Nasce, morre, nasce, morre. Cada vez que a gente nasce é um tipo de gente [...], cada vez é de uma coisa. Deus é que vai escrever [...] o que cada um vai ter que cumprir. Eu aprendi isso no espiritismo. É a reencarnação. Por que eu tinha que nascer assim desse jeito? [...] Minha fia, tu está amargando agora uma outra vida muito cheia de luxo, sabia? Não, não sabia de nada. Minha bisavó foi escrava, a minha vó foi doméstica, a minha mãe, quando eu nasci, disse que preferia me ver morta do que empregada doméstica. Eu sou doméstica (Créo).

**Foto 3:** Cenas do filme *Domésticas* (2001).




**Fonte:** Disponível em: <http://www.domesticasofilme.com.br/port/pabertur.html>. Acesso em 15 jun. 2018.

Após assistirem as cenas do filme foi pedido que as participantes relatassem suas experiências nas relações do trabalho doméstico nas casas das patroas e entre as domésticas. O objetivo desse momento foi, através do reconhecimento, abrir um espaço para a socialização das trocas de experiências, quebrando o silêncio que está por trás das imbricadas relações do trabalho doméstico, compartilhar o indizível. O ambiente da oficina também “quebra a artificialidade que, muitas vezes, a pesquisa impõe ao ambiente, provocando dessimetrias entre pesquisador e sujeitos” (FERNANDES, 2009, p. 54), promovendo a interação entre elas próprias e delas com o pesquisador através de um ambiente leve e dinâmico.

Posterior ao lanche, partimos para a etapa final que foi a transposição das falas das participantes para a produção de sentidos, que foi a elaboração do Mapa da Rede Social Pessoal



A photograph showing a person sitting on a light-colored sofa, reading a book. The person is wearing a light-colored jacket and dark pants. The background is slightly blurred, showing a vase with white flowers on a table.


Significativa. O objetivo é registrar quem são as pessoas da rede pessoal das domésticas, com quem elas podem contar dentro dos quadrantes Família, Amizades, Comunidade e Trabalho, e em relação aos seguintes conteúdos: pedir ajuda financeira, indicar trabalho, ajudar com cuidados dos(as) filhos(as), ajuda em problema de saúde e pedir conselhos e conversar. Nesse momento, as emoções e os significados de suas experiências culminaram em um reconhecimento de suas vidas estarem inseridas em redes. O instrumento foi significativo para mostrar que, embora essas mulheres sejam sujeitos históricos de suas vivências, é por meio das redes que elas conseguem produzir seu bem-estar. Ao final, foi feita a avaliação da oficina e a equipe entregou uma rosa para cada participante, fechando, assim, a participação delas como algo produtivo, coletivo e simbolizado por uma flor que, embora tenha espinhos, como muitas histórias de vida dessas domésticas, ainda se faz belo por se tratar a atividade doméstica como outra qualquer. Dessa forma, é possível proporcionar o reconhecimento social da valorização do trabalho doméstico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina aqui narrada não se pretende tornar modelo a ser seguido, pelo contrário, revelam as negociações, estratégias, possibilidades de atração de audiência e das maneiras de fazer e das suas implicações bem ou mal sucedidas. Assim, diante da negativa da primeira tentativa para ter acesso a esse grupo social (empregadas domésticas migrantes) do condomínio, lançamos mão da segunda estratégia – recrutar essas domésticas via instituição pública. O CRAS do bairro Village do Lago I aceitou prontamente que realizássemos a oficina e, ainda por meio do Programa Bolsa Família, recrutou as participantes, revelando um espaço mediador privilegiado. Todas elas estão incluídas em programas de distribuição de renda, o que possibilita gerir necessidades de produção do bem-estar de suas famílias. Isso implica trabalhar bem planejamento para a realização da oficina: o momento que antecede (demanda, pré-análise, foco e enquadre, e planejamento flexível) e o desenvolvimento propriamente dito (o aquecimento, a reflexão e a elaboração do tema, a sistematização e avaliação do trabalho).

As atividades na oficina possibilitaram conhecer a percepção desse grupo de domésticas sobre o conceito de rede, a visibilidade do trabalho doméstico, trocas de experiências das relações entre domésticas e patroas e, finalmente, reconhecer as domésticas como as produtoras de sentidos, o que culminaria na produção textual-visual de seus mapas de redes sociais. Nosso papel na oficina foi de facilitadores(as), cabendo-nos lançar a forma e os temas a serem debatidos, com o intuito de orientar e estimular as discussões entre as participantes,





considerando que os assuntos eram referentes a algumas cenas do filme. Percebemos como o reconhecimento foi importante através das personagens. As falas retratam muito do vivido pelas mulheres. Ao olharem para a tela, estavam olhando para dentro. Assim, foi possível de forma tímida mais verdadeira expor sentimentos e vivências que auxiliaram na construção do diálogo e no fortalecimento de vínculos.

Percebemos que a oficina opera na tríade: encontro-acontecimento-experiência. Ou seja, a aproximação entre as empregadas domésticas e universidade, possibilita uma educação inovadora das classes populares, que vai além da transmissão do conhecimento, mas as coloca no centro do protagonismo como corresponsáveis por efetivas ações de transformações sociais.

Em suma, pode-se perceber que a proposta de oficina viabiliza refletir as demandas desses grupos vulneráveis, compreensão das dinâmicas de sua profissão, a invisibilização e a interdisciplinaridade dos processos integrados em sociedade, aquilatando e reconhecendo essas domésticas migrantes como sujeitos de luta por igualdade de direitos.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**; São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BANDINI, C. **Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais**. Salvador: Editora Pontocom, 2014.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Brasiliense: São Paulo, 1990.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas sobre o PAIF** (Vol. 1). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012.

BRITES, J. **Afeto, Desigualdade e Rebelião: bastidores do serviço doméstico**. 239 f. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CARIGNATO, T. T.; ROSA, M. D.; BERTA, S. L. Imigrantes, migrantes e refugiados: encontros na radicalidade estrangeira. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XIV, n. 26/ 27, 2006.

COSTA, G. dos S. Educação e imigração: oficinas interculturais como dispositivos para apoiar a participação das famílias imigrantes. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 12, n. 22, p. 39-61, mai./ago. 2016.



**DOMÉSTICAS.** Direção de Nando Olival e Fernando Meirelles. São Paulo: Pandora Filmes, 2001. 1 DVD (85 min.).

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://www.domesticasofilme.com.br/port/pabertur.html>. Acesso em: 15 jun. 2018.

FARIA, G. J. A. de. “**Uma mais uma é sempre mais que duas**”: configurações e dinâmicas das redes sociais das domésticas migrantes. 292 f. 2019. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

FÉLIX, J. F. **O trabalho doméstico de adolescentes:** naturalização da exclusão e submissão. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

FERNANDES, A. H. **Infância e Cultura:** o que narram as crianças na contemporaneidade? 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua.** [Online] Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270pnadcontinua.html?edicao=27762&t=sobre>. Acesso em: 06 mar. 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI:** reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua, 2019. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2528.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2528.pdf). Acesso em: 13 mar. 2020.

INTERNETLAB. Rede Conhecimento Social. **Domésticas conectadas:** acessos e usos de internet entre trabalhadoras domésticas em São Paulo. São Paulo, 2018.

KOFES, S. **Mulher, mulheres:** Diferença e Identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade – Interação e relação entre patroas e empregadas domésticas. 450 f. 1990. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

LEAL, B. Oficina. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE [online],** n. 6/7, p. 69-75, maio 2006/abr. 2007.

LUIZ, G. M. de; DAL PRÁ, R. M.; AZEVEDO, R. C. Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência. **Psicologia Revista,** São Paulo, v. 23, n. 2, p. 245-260, 2014.



ONU. Organizações das Nações Unidas. **Direitos Humanos das Mulheres**. Brasília, julho de 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/08/Position-Paper-Direitos-Humanos-das-Mulheres.pdf>. Acesso em: 02 de abr. 2019.

RODRIGUES, M. B.; ALFONSO, L. P.; RIETH, F. M. Silva. Ações participativas com trabalhadoras domésticas fomentando debates para visibilizar a profissão desde o passado escravista até a atualidade em Pelotas/RS. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 3, n. 4, p. 8-29, out./ dez. 2017.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, jan./ abr. 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.